

Pesquisa ou esporte? Por que não os dois?

Por Liliana Vallejo

Quando se fala em produção de pesquisa científica, muitos pensam na imagem de um pesquisador isolado em um laboratório, cercado por livros. Afinal, será que trabalhar com pesquisa precisa ser assim? Professores e alunos do Instituto de Biociências da UNIRIO garantem que não. Por isso, resolveram criar o projeto *Pesquisa ou esporte? Por que não os dois? Monitoramento da Qualidade da Água de Praias da Baía de Guanabara de Canoa Havaiana*.

O trabalho, que teve início em junho de 2015, consiste em coletar amostras de água em seis pontos entre a Praia da Urca e a Praia Vermelha, utilizando uma canoa havaiana, e verificar variações temporais nas características físico-químicas (temperatura, salinidade, oxigênio dissolvido, condutividade, pH) e nos parâmetros biológicos. A intenção é fazer um monitoramento de longo prazo, cujo “produto” possibilitará o conhecimento da dinâmica físico-química, das influências da ação do homem nesta região e das variações de causa natural. Esse conhecimento poderá servir de subsídio para ações de recuperação e conservação da Baía de Guanabara e até como verificação



Crédito: Wanderson Carvalho

constante da qualidade da água e poder de depuração natural da região, na entrada da Baía.

Atualmente, o projeto é composto por dois coordenadores, os professores Joel Campos de Paula (Departamento de Botânica) e Wanderson Fernandes de Carvalho (Departamento de Ecologia e Recursos Marinhos), ambos do Instituto de Biociências, além de seis integrantes de apoio, três participantes externos à UNIRIO: Rodolfo Giordano (ex-aluno da UNIRIO), Ivan Carneiro (mestrando em Botânica na UFRJ) e professora Maria Beatriz Barreto (Departamento de Botânica, UFRJ), e três funcionários do Instituto de Biociências: Clarissa Naveira (técnica em biotecnologia), Maurício Fernandes (biólogo do Departamento de Zoologia), e Raquel Neves (bióloga do Departamento de Ecologia e Recursos Marinhos).

Saiba mais sobre o projeto nesta entrevista concedida à Comso por dois integrantes da equipe: o professor Wanderson de Carvalho e a bióloga Raquel Neves. Eles comentam detalhes sobre os bastidores da pesquisa, como a possibilidade de fazer exercício em um cenário bellissimo, tendo como fundo o Morro da Urca e o Cristo Redentor; porém, ressaltam o contraste desse visual com o lixo descartado na Baía de Guanabara.



Crédito: Wanderson Carvalho



Crédito: Acervo do Urca Canoe Clube

Comso: Como surgiu a ideia de utilizar a canoa havaiana como meio de transporte para o projeto?

Raquel Neves: Teve início com o professor Wanderson de Carvalho, que pratica o esporte há mais ou menos oito anos. Ao ingressar na UNIRIO, em 2013, ele passou a remar no Urca Canoe Clube (UCC), sediado na Praia da Urca, e viu a oportunidade de monitorar a região, ou, pelo menos, medir parâmetros básicos como temperatura e salinidade, o que pode ser feito facilmente com pequenas sondas. Ele convenceu o professor Joel de Paula a iniciar a prática da atividade, e, no final de 2014, quando ingressei no Departamento de Ecologia e Recursos Marinhos, aceitei imediatamente participar do projeto. Mas ainda faltava mais um remador/pesquisador permanente para ter um número mínimo para as saídas, já que a menor canoa apropriada para o trabalho tem quatro lugares. Isso foi resolvido no fim do primeiro semestre de 2015, com a entrada do biólogo Maurício Fernandes para a UNIRIO, que também topou a empreitada. Assim, com um time fixo, começamos a sair regularmente e fazer as amostragens físico-químicas.

Comso: Existe algum órgão que trabalha em parceria com esse projeto?

Raquel Neves: Até o momento, o único parceiro é o clube de remo Urca Canoe Clube (UCC – www.urcacanoeclube.com.br), sediado na Praia da Urca, que nos franqueia a canoa e o material necessário para a prática do esporte

(remos e coletes salva-vidas).

A ideia é buscar financiamento e parceria nas instituições de apoio à pesquisa para a compra de outros materiais com o objetivo de aproveitar a oportunidade para analisar o maior número de variáveis possíveis neste ambiente. E assim que houver dados suficientes, publicar em anais de divulgação científica. Além disso, a progressão natural deste tipo de projeto é o estabelecimento de um banco de dados que possa ser usado pela comunidade científica e pela comunidade em geral. Mas isso ainda é uma meta a longo prazo.

Comso: Você poderia descrever algumas curiosidades, algum fato interessante que tenha ocorrido nesses trajetos?

Wanderson de Carvalho: O trajeto delimitado pelas estações de coleta é muito bonito! Proporciona uma variedade de visuais belíssimos, como da geografia da Baía de Guanabara, com seus fortes, do Pão de Açúcar, da Praia Vermelha e do Cristo, vistos de vários ângulos pouco visitados pelo público em geral. Além da presença de tartarugas, golfinhos, aves marinhas variadas. Temos a possibilidade de mergulhar em águas que podem variar de muito frias (17°C) a quentes (24°C), que, em alguns momentos, podem estar transparentes e limpas e em outros suspeitamente escuras.

Infelizmente, os fatos interessantes não são só bons. Não é raro observarmos a forte poluição da Baía. Tem muito lixo, onde se pode ver de tudo flutuando

nas águas da região. Algo que sempre nos dá tristeza imensa, por ver um lugar tão bonito e com tantas coisas interessantes acontecendo ser tão maltratado por quem vive ao seu redor. É preciso fazer alguma coisa a esse respeito. Esperamos que nossos esforços venham a se somar a outros de natureza similar para colaborar com o entendimento, o aprendizado e a recuperação deste patrimônio natural do Estado do Rio de Janeiro.

Comso: Quais benefícios já foram conquistados em relação ao projeto e ao esporte?

Wanderson de Carvalho: Quanto ao projeto, já temos uma base de dados de mais de seis meses, que já demonstra uma dinâmica muito interessante desta região da entrada da Baía de Guanabara. Por exemplo, a presença de massas d'água diferentes, incluindo a ACAS (Águas Centrais do Atlântico Sul), que é uma massa d'água fria e rica em nutrientes inorgânicos; a forte influência da variação de maré; e as características distintas de pontos de coleta razoavelmente próximos uns dos outros.

No que diz respeito ao esporte, os componentes da pesquisa já “pegaram o jeito” da remada, e estão ganhando condicionamento físico. O percurso total (cerca de 10 km) está sendo feito em um tempo cada vez menor, o que é um resultado muito bom para quem rema apenas uma vez por semana. Além disso, alguns já pensam em adotar o esporte para além do monitoramento e remar mais vezes por semana!